

# Quando perdemos o medo da morte: pandemia e revolução

Felipe Araujo Fernandes<sup>1</sup>

## Resumo

Diante do cenário da pandemia se tornam cada vez mais evidentes as contradições da sociedade capitalista. Nesse sentido, nos parece importante lançar um olhar atento sobre as diversas formas de se comportar diante dessa guerra entre as classes, de modo que não sejamos apenas uma massa de "soldados" utilizados para benefício de uma pequena parcela de generais. Assim, nos interessa recorrer aos grandes teóricos das guerras e das artes marciais para aprender como nos defender e atacar os inimigos que se colocam diante de nós. Este artigo tem, portanto, como objetivo não só apresentar alguns conceitos que nos ajudem a compreender o "campo de batalha", como nos armar para intervir nele. Uma vez que diante de nós se apresenta um cenário no qual as ações tradicionais não apontam mais uma saída, se faz necessário uma reação inovadora, radical, revolucionária.

**Palavras-chave:** Pandemia, Revolução, Insurreição.

## Resumen

Ante el escenario pandémico, las contradicciones de la sociedad capitalista se hacen cada vez más evidentes. En este sentido, nos parece importante mirar de cerca las diferentes formas de comportarse frente a esta guerra de clases, para que no seamos solo una masa de "soldados" utilizada en beneficio de una pequeña porción de generales. Así, nos interesa recurrir a los grandes teóricos de las guerras y las artes marciales para aprender a defendernos y atacar a los enemigos que se nos presentan. Este artículo, por tanto, pretende no solo presentar algunos conceptos que nos ayuden a entender el "campo de batalla", sino a armarnos para intervenir en él. Dado que se nos presenta un escenario en el que las acciones tradicionales ya no señalan la salida, es necesaria una reacción innovadora, radical, revolucionaria.

**Palabras clave:** Pandemia, Revolución, Insurrección.

## Abstract

Faced with the pandemic scenario, the contradictions of capitalist society become increasingly evident. In this sense, it seems important to take a close look at the different ways of behaving in the face of this war between the classes, so that we are not just a mass of "soldiers" used for the benefit of a small portion of generals. Thus, we are interested in turning to the great theorists of wars and martial arts to learn how to defend ourselves and attack the enemies that stand before us. This article, therefore, aims to not only present some concepts that help us to understand the "battlefield", but to arm ourselves to intervene in it. Since there is a scenario in front of us where traditional actions no longer point the way out, an innovative, radical, revolutionary reaction is necessary.

**Keywords:** Pandemic, Revolution, Insurrection.

---

<sup>1</sup> Doutorando em filosofia pela UFRJ, tem como temas de pesquisa as Ciências da guerra e as artes marciais. É praticante de Capoeira Angola e de Ving Tsun Kung Fu. [felipe.araujo87@hotmail.com](mailto:felipe.araujo87@hotmail.com)



*"Tal como numa guerra, as pessoas não fazem uma revolução de boa vontade. A diferença está, todavia, em que numa guerra o papel decisivo é o da obrigação; numa revolução, não há obrigação, a não ser a das circunstâncias. A revolução produz-se quando não há outra solução".*

(A arte da insurreição, Leon Trotsky, 1930)

## Introdução

A história da humanidade é repleta de conflitos, de tensões, de combates e guerras. Os diversos povos do mundo inventaram as mais diversas armas e armaduras, ciências e artes, táticas e estratégias, para lidar com os inúmeros conflitos da vida, seja individualmente ou em grande escala.

Para Heráclito de Éfeso, atual região da Turquia, a luta entre os opostos era elemento fundamental para entender o mundo em que vivemos. Para este filósofo, que viveu há mais de 2500 anos, o "combate" (pólemos) é elemento presente em tudo que nos cerca, chegando a dizer que "o combate é de todas as coisas pai, de todas rei, e uns ele revelou deuses, outros, homens; de uns fez escravos, de outros livres" (Heráclito, apud, Souza, 1996, p. 102). Há, portanto, um caráter político no combate, que não se limita a apenas combates corporais físicos, mas que amplia até mesmo para as condições mais profundas do modo de produção, chegando a definir quem será livre e quem escravo, ou seja, definindo, inclusive, acerca da possibilidade de ser dono de si.

Não é à toa que para ele o elemento primordial fosse o fogo, que tudo consome, e que, ao mesmo tempo, traz a vida, justamente pela sua natureza destrutiva-constitutiva. Nesse sentido, o dito popular está repleto de razão: "É no fogo que se forja a espada". Uma vez que esse elemento tem o poder de tornar maleável e trabalhável mesmo os metais mais firmes. O fogo é uma ótima alegoria para pensar as transformações sociais, não é à toa que é utilizada para tratar, metaforicamente, do ímpeto revolucionário: "a chama da revolução".

Assim, é muito comum ouvirmos que "é no calor do combate que se forma um guerreiro". E, de fato, são nos embates reais, nas situações não artificiais de conflito que nos desenvolvemos, nos mais diversos aspectos de nossa vida. Por mais que treine um lutador, só a situação real do combate diante do inimigo é que tem condições de torná-lo mais bem preparado.



Isso porque a situação real é carregada de imprevisibilidade, de elementos inesperados. O conflito real é vivo, diferente do “conflito simbólico”, em que há um ambiente artificial de treino, que por mais importante que seja, não é capaz de dar a dimensão da riqueza da inconstância que é a vida real.

E é nesse embate entre opostos que se constitui a sociedade, nessa dialética. Nada é permanente, nada dura para sempre, nada é imutável. Pelo contrário, tudo é movimento, devir. O mundo é regido pela lei do constante vir a ser das coisas. É por isso que Heráclito de Éfeso, é considerado o pai da dialética. Porque sua filosofia não se submete a uma lógica da imobilidade, da conservação do estado das coisas tal como elas estão dadas. Nesse sentido, seria possível dizer, em contraposição à Parmênides que “o ser está”, e não que “ele é”, posto que o devir e o pólemos são elementos fundamentais em sua epistemologia.

Essa teoria é fundamental para pensarmos o que é uma revolução. Afinal, a revolução é justamente a ação no sentido de mudar radicalmente uma condição dada. A revolução é romper com o status quo.

Se é verdade que há filósofos que se dedicam a conservar o mundo tal como ele é, satisfeitos em tão somente interpretar a realidade, também é verdade que existem aqueles que confiam que é possível modificar o mundo. É justamente esta a décima primeira tese que Karl Marx dirige a Feuerbach: “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” (MARX, 2007, p. 535).

E para falar sobre guerras e sobre revoluções é fundamental recorrer a Marx, que via os conflitos como fator determinante na vida, seja na natureza ou na sociedade. Para este autor, é necessário mergulhar profundamente no estudo dos conflitos e das lutas sociais nos vários momentos da história para entendermos a sociedade presente. A ideia do confronto, da luta entre os opostos, ocupa um lugar tão central em sua teoria que ele chega a afirmar que: “A história de todas as sociedades até agora tem sido a história das lutas de classe” (2008, p. 10)

Nesse cenário de pandemia, esses conflitos de interesses foram ainda mais acirrados. Os momentos de crise são momento de aberturas para guerras, insurreições e revoluções. O caso da insurreição ocorrida em Minneapolis, EUA, após a assassinato de George Floyd por um policial é um exemplo emblemático do momento em que estamos vivendo, com uma profunda crise do capitalismo, intensificada pela pandemia de Covid-19.

Nesse sentido, é fundamental nos dedicarmos a entender esses momentos, e termos plena consciência de como queremos nos posicionar



diante desta realidade, de qual “lado da briga” vamos ficar e como nos comportar dentro dela. Assim, estudar aqueles que dedicaram suas vidas a entender os processos revolucionários que percorrem a vida em sociedade é essencial. E tomar esses estudos não apenas como material teórico, para fins acadêmicos, mas, justamente, tomar essa observação atenta do movimento da guerra de classes, para entender suas leis e poder construir o mundo que queremos.

Este trabalho tem, portanto, este objetivo: recorrer aos teóricos da guerra e das revoluções para entender esses momentos e como podemos nos comportar neles. Nosso pressuposto é o de que ninguém inicia uma guerra ou uma revolução de boa vontade, simplesmente porque quer. Em verdade, a maioria da população quer apenas viver sua vida da maneira mais pacífica o possível, de forma conservadora até. Porém, em seu texto *A arte da insurreição*, Leon Trotsky, o fundador do Exército Vermelho soviético, afirma que as pessoas vão para a guerra por necessidade, porque as condições reais as obrigam, porque esta é a única saída.

Assim, nos interessa pensar as contribuições teóricas e práticas do passado que podem contribuir para nossa intervenção no nosso presente. E, conseqüentemente, nos ajudar a construir o futuro que queremos.

### **Guerra, ciência e arte**

Se os conflitos são algo tão presente na vida humana, isso quer dizer que não devemos nos furtar de observar os vários elementos a eles inerentes, quais suas regularidades, quais leis regem sua dinâmica, quais fórmulas podem ser extraídas de sua observação. Nesse sentido, seria possível falar de uma ciência da guerra.

Contudo, uma guerra não é algo que possa ser totalmente mapeado, justamente pelo fato de estar intrinsecamente relacionada à vida em sociedade: ela está sempre em modificação, em desenvolvimento, tal como a humanidade; é viva, dinâmica e complexa. Há sempre novas armas, novas armaduras, novas táticas e estratégias, novas manobras. Apesar de haver elementos comuns, uma guerra sempre é única, porque os inimigos são diferentes, bem como o tipo de terreno em que ela ocorre, o clima, os adversários, as armas, as habilidades. Tudo isso influi significativamente na dinâmica da guerra.

Assim como Heráclito afirma que não é possível entrar duas vezes no mesmo rio (Souza, 1996, p. 106), parafraseamos o filósofo para dizer que não



se entra duas vezes na mesma guerra, ou, não é possível dois momentos históricos idênticos que venham a se repetir. A célebre frase de Marx, em seu O 18 de Brumário de Luís Bonaparte, é muito pertinente neste momento: “A história se repete, a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa” (Marx, 2011, p. 23). Sobretudo para pensar o cenário atual do Brasil, no qual muitos afirmam que temos um governo e um cenário fascista, como se fosse uma “repetição histórica” do que já houve no passado. Nesse sentido, essa obra é fundamental para entender que não estamos em um fascismo (ou neo-fascismo ou proto-fascismos), como se houvesse um partido organizado para impor um modelo político de destruição de todos partidos, sindicatos e instrumentos de luta criados pela classe trabalhadora, mas, o que há justamente uma tentativa de Bonapartismo, ou seja, trata-se de um modelo político baseado em um personalismo, com fortes traços de militarização, que finge estar por cima dos conflitos de classe, mas sempre assumindo uma posição autoritária e populista, como se estivesse por cima dos partidos e instituições desmoralizadas, mas que, no fundo, apenas tenta amenizar os conflitos de classe. Esse é o modelo que se tenta materializar no governo Bolsonaro, porém, que se apresenta ainda mais como farsa, visto que sequer este tipo de regime tem sido capaz de ser aplicado com sucesso. Assim, vemos como que não podemos apenas repetir as fórmulas do passado e empurrar conceitos “goela abaixo”. “Os fatos são teimosos”, como afirma Lenin, e não se permitem serem limitados pelas abstrações, qualquer teoria que pretenda tratar do real deve levar em conta sua complexidade, sua completude e seu movimento.

Vemos que a ideia de “repetição” presente na visão materialista não é a mesma sujeita à lógica formal aristotélica, mas, a “lógica dialética”. Uma vez que a História está em movimento, e esse movimento não é “retilíneo uniforme”, mas, permite curvas, saltos e quedas, acelerações e alentecimentos, avanços e atrasos, etc., logo, é exigido de nós uma sensibilidade profunda para observar, descrever e intervir no real.

Nesse sentido é que defendemos ser preciso nos tornar artistas marciais, porque devemos ter uma ação com essa dupla natureza: a combativa (marcial) e a inventiva (artística). Sendo nossos inimigos os problemas que se colocam diante de nós, e no capitalismo eles são muitos e diversos, e por vezes, estão dissimulados. Então, o trabalho do artista marcial não é o de apenas se preparar para os combates corporais físicos (ainda que eles possam ser úteis na vida real), mas, mais que apenas saber aplicar “socos e chutes” é preciso desenvolver a nossa inteligência marcial, nossa



estratégia marcial. É isso que as artes marciais têm nos apresentando, ainda que não sejam fruto de profundo debate na academia. Contudo, a ideia de utilizar os “combates simbólicos” como forma de nos preparar para quando estivermos diante dos combates reais estão presente em artes como o Ving Tsun Kung Fu e a Capoeira Angola, há séculos, sendo transmitidos por mestres e mestras, por vezes desconhecidos. A questão para nós, artistas marciais, está então não só em teorizar e repetir conceitos e golpes, mas em como utilizar os fundamentos e sistemas ancestrais que dispomos enquanto armas para enfrentar os adversários que se colocam diante de nós, no “ringue” da vida. É, nesse sentido, que propomos o exercício filosófico não apenas como algo teórico, mas, aproximado da tarefa do artista marcial, ou seja, o filósofo é aquele que cria ferramentas para lidar com os desafios reais da vida (ARAUJO, 2019).

Assim, é verdade que um lutador, um competidor de algum esporte de combate, por exemplo, deve estudar seu oponente minuciosamente, para entender seus movimentos, seus pontos fortes e fracos, sua personalidade, por outro lado, qualquer lutador que entre em uma disputa com uma sequência memorizada de golpes e movimentos, esperando que seu adversário se comporte identicamente ao seu último combate, muito provavelmente está fadado à derrota. Afinal, não existem duas lutas idênticas, qualquer disputa está repleta de espontaneidade, é carregada de imprevisibilidade. E é justamente isso que faz com que as pessoas se interessem tanto pelos jogos esportivos, jogos de combates, jogos de tabuleiros e tantas outras modalidades competitivas. Mesmo tendo aqueles que possuem as maiores probabilidades de ganhar, é sempre possível que o menos “querido” ganhe, ou, de outro modo não teria qualquer graça torcer por um lado, e menos ainda competir, desafiar.

Uma disputa legítima sempre deixa em aberto a possibilidade da derrota de ambos os lados. Inclusive, na Grécia antiga, quando algum atleta detinha a certeza contínua da vitória ele era “retirado da disputa”, afinal, a beleza, a graça, de uma disputa está na possibilidade de um novo vencedor surgir. Esses atletas invictos eram tomados como “hour concours” (fora de concurso), e seguiam servindo de inspiração, mas, se apresentavam de forma performática, sem concorrer.

Se um “combate virtual”, de ambiente artificial, como algum esporte de combate, que é regido por inúmeras regras, tendo inclusive um juiz para fazer cumprir as regras estabelecidas anteriormente, permite a presença do imprevisível, imagine um “combate real”, no qual não existem regras, nem



juízes, onde o que prevalece é o instinto de sobrevivência das pessoas, onde o desejo de impor sua vontade vai até as últimas consequências, disposto até ao derramamento do sangue do inimigo para subjugá-lo. Em uma guerra real, é preciso mais que apenas realizar uma sequência de ações previamente memorizadas, é preciso criatividade, inventividade, espontaneidade.

É nesse sentido que a guerra pode ser considerada uma arte. No sentido de que exige uma profunda sensibilidade para a condição situacional, para a mutabilidade das circunstâncias, para o constante “vir a ser” de que trata Heráclito. Essa arte exige, portanto, uma atenção profunda à realidade em seu devir, em sua imprevisibilidade, em suas contradições. Em três palavras, exige: criatividade, flexibilidade e autenticidade.

Um importante teórico de guerra foi o prussiano Clausewitz. No seu livro *Da Guerra*, o estrategista explica porque a guerra poderia ser vista como uma arte e uma ciência (2010, p.125). Mas, curiosamente, ele afirma que mesmo essas duas perspectivas são insuficientes para definir a guerra. Ele prefere dizer que a guerra é um conflito de grandes interesses, resolvido, em última instância, através do derramamento de sangue (2010, p.127). Nesse sentido, a guerra pode ser melhor comparada com o comércio, devido a sua dinâmica de imposição de interesses sobre o outro. Justamente por isso os empresários dedicam-se tanto a estudar as estratégias de guerra, a ponto da obra *A arte da guerra*, do general e teórico de guerra chinês Sun Tzu, ter virado best-seller.

No atual contexto de pandemia, por exemplo, os “interesses comerciais” podem servir como armas de morte em massa, bastando um conjunto de suprimentos médicos serem vendidos prioritariamente para um país que pode pagar mais caro por eles, por exemplo. Assim, a vida de milhões de pessoas está sujeita aos acordos comerciais, ou, se preferirmos, políticos, do mundo capitalista. É justamente por isso que Clausewitz afirma que a política é uma espécie de comércio em grande escala, ou seja, um imenso mercado mundial, uma feira global, onde confrontam-se os interesses divergentes de cada um desses grandes “comerciantes”. Nesse cenário, por vezes, as disputas de interesses extrapolam a diplomacia, e sangue é derramado e, nesses casos, temos as guerras.

Vemos, pois, que para Clausewitz o que é essencial à condição social humana não é a guerra em si, mas a disputa de interesses. Não havendo outra forma de solucionar essa tensão, essa disputa se materializa em um combate real. Por isso, o autor vai dizer que a política é o “útero da guerra”.



É dessa reflexão que surge a célebre frase de Clausewitz (2010, p. 27): “a guerra não é meramente um ato de política, mas um verdadeiro instrumento político, uma continuação das relações políticas realizada com outros meios”. A guerra é um instrumento político, uma arma usada para fazer valer a vontade de um dos lados sobre o outro. Vale ressaltar, portanto, que os interesses políticos estão antes das ações de guerra, sendo a política inerente à vida em sociedade como a conhecemos até hoje, uma vez que viver em sociedade é viver em conflito de interesse. Isso é diferente de aceitar que a guerra seja inerente à essência da raça humana, pois, se assim fosse, estaríamos fadados a sempre viver em guerra, uma guerra interminável. Nesse sentido, achamos que a frase não deve ser invertida, como sugere Foucault. Se é verdade que continuamos “em guerra” mesmo quando não estamos em guerra, isso ocorre porque a política em uma sociedade de classes tem diferentes formas de fazer prevalecer a vontade de um dos lados sobre o outro. Mas, nossa perspectiva é a de que essas “relações de poder” não são perpétuas, são, na verdade, fruto da sociedade de classes e da forma como esta sociedade sintetiza suas contradições.

### **Quando começa a guerra?**

Tendo apresentado como é gerida a guerra, vale agora dizer quando começa a guerra real, não apenas uma “virtual” ou simbólica.

Quanto a isso, Clausewitz propôs uma interessante formulação: a guerra não começa no ataque, como poderíamos tender a pensar. Se há apenas ataque de um dos lados, não há guerra; há uma outra situação qualquer de imposição de poder, mas não guerra. A guerra nasce, dirá o general prussiano, quando se inicia a defesa.

Essa formulação parece simples. Mas é um rico extrato conceitual sobre a guerra, pois revela o seu caráter dialético. Uma luta exige que os dois lados estejam dispostos a lutar. Do ponto de vista da guerra, ataque e defesa sempre andam juntos.

De forma correlata, força e resistência também não podem ser vistos como “conceitos” isolados. Só há força quando há resistência. E a recíproca é igualmente verdadeira. Há, portanto, duas forças que agem mutuamente uma sobre a outra, tentando uma se sobrepor à outra. Quanto mais força é empregada, conseqüentemente, mais resistência é também empregada, posto que ela é também uma força, porém, aplicada em “sentido” contrário.



“Quanto mais empurramos a parede, mais ela nos empurra também”, como nos ensinava o professor de Física nas aulas sobre a terceira lei de Newton.

Vemos que resistência, na gramática aqui apresentada, não é algo passivo. Resistência, nessa perspectiva, é algo ativo. Logo, não se trata da semântica comumente atribuída em português ao termo, que seria algo como a capacidade de se manter realizando certa atividade, de suportar a fadiga ou certo esforço prolongado. Segundo esta definição, seria possível dizer que uma pessoa teria mais resistência que outra. Ou seja, adota-se o sentido de “estamina”.

Não é esse o sentido que queremos extrair do termo. Interessa-nos justamente o sentido que apresenta o caráter agnóstico, conflitante, beligerante, para fugir da possibilidade de que seja possível entrar numa guerra apenas “recebendo o ataque”.

Quando vemos uma situação de tensão na sociedade e falamos que devemos “resistir”, isso significa que não iremos apenas “sustentar o ataque”, mas, que iremos responder proporcionalmente a força empregada com uma força proporcional, ou, maior. Afinal, toda guerra é a prevalência de uma força, seja quem for que inicie a aplicação da força, do ataque.

Se transportamos a gramática da guerra para a lógica da política, vemos que resistir não é apenas “esperar” o ataque cessar, sustentar por tempo prolongado a situação de ataque, mas responder proporcionalmente ao ataque. Assim, é muito comum ouvirmos em espaços de debate político análises de quem afirmam que devemos “medir a correlações de força”, e, ao julgar que estamos em desvantagem, decide-se por não atacar e apenas “resistir”. Ou seja, como se a conjuntura analisada nos impelisse a apenas fazer um esforço para garantir o que já conquistamos, não deixar o inimigo ter mais conquistas e avançar mais em sua empreitada. Contudo, as diversas artes marciais e práticas de guerra mostram que apenas receber os ataques não é necessariamente a melhor alternativa. Há situações em que podemos, por exemplo, antecipar um ataque, e justamente pelo fato de o inimigo estar nos atacando é que temos a abertura para infringir uma vantagem sobre ele, posto que muitas vezes durante um ataque o inimigo abre brechas, se coloca vulnerável. Assim, é preciso eleger muito cautelosamente qual resposta oferecer, qual tipo de defesa deve ser aplicada em cada situação.

Obviamente, há várias formas de resistir, várias formas de se defender. Às vezes recuando, às vezes sustentando, e outras vezes avançando. Contudo, se nos defendemos, entramos numa guerra. E se entramos numa guerra, então, necessariamente, precisamos tentar vencer o inimigo, ou seja,



neutralizar sua possibilidade de ataque, sobrepujar sua força, desse modo, segundo Clausewitz, a defesa nunca é apenas esperar. Embora a espera seja um elemento central da defesa, outro elemento sempre presente também é o ataque, a contraofensiva.

Mesmo quando o único motivo da guerra for manter o status quo, permanece o fato de que defender-se simplesmente de um golpe é contra a natureza inerente à guerra, que certamente não consiste apenas em resistir. Tendo o defensor obtido uma vantagem importante, a defesa como tal fez o seu trabalho. Enquanto estiver desfrutando desta vantagem ele deve atacar de volta, ou estará buscando a sua própria destruição. A prudência pede que ele ataque enquanto o ferro ainda estiver quente e que aproveite a vantagem que possui para evitar um segundo ataque violento. Como, quando e onde deve começar esta reação dependerá, evidentemente, de muitas outras condições que iremos enumerar posteriormente. No momento, iremos simplesmente dizer que esta transição para o contra-ataque deve ser aceita como sendo uma tendência inerente à defesa - de fato, como uma das suas características essenciais. Sempre que uma vitória obtida da forma defensiva não transformar-se num êxito militar, quando, por assim dizer, deixarem que ela que murche sem ser utilizada, estará sendo cometido um erro grave (CLAUSEWITZ, 2010, p. 433).

Várias são as formas dessa dinâmica da defesa acontecer, e é aí que entram, por exemplo, tática e estratégia, as manobras, etc. É nesse sentido que a guerra é uma arte, pois exige que, para além das leis, apresentemos uma resposta ao movimento real dos acontecimentos, é preciso acolher e dar uma resposta à situação, que é sempre dinâmica e complexa. A arte exige criatividade, flexibilidade; além de maestria e conhecimentos das "leis" dessa dinâmica. Mas, nunca podemos apenas ser atacado em passividade, se temos isso, sequer temos uma situação de guerra.

### **Entendendo o terreno e o inimigo**

Um dos elementos centrais a ser levado em conta numa situação de guerra é entender o cenário da guerra, saber em que terreno ela ocorre, qual



clima, as condições da guerra, quais as características do inimigo. Sun Tzu dedicará capítulos específicos para descrever as topologias e classes de terreno, por exemplo, e quais comportamentos devemos evitar ou privilegiar diante delas.

Por exemplo, ele irá dizer que diante de um terreno pantanoso não devemos nos demorar muito, ou evitar acampar perto de uma ribeira, para em caso de receber um ataque sua tropa não seja empurrada a se afogar ou mesmo as águas serem contaminadas.

Se conhecemos o terreno temos vantagens sobre o nosso inimigo, sobretudo quando estamos em ataque, buscando nos estabelecer, enquanto o inimigo está em seu próprio terreno, com a vantagem provisória da defesa. Mesmo um exército superior pode sucumbir diante da escassez de suprimentos como alimentação, munição, remédios ou mesmo itens básicos como roupas de frio.

Nesse sentido, Sun Tzu dedicará um capítulo (XII) inteiro para falar sobre a arte de atacar com fogo, sendo um desses ataques, o ato de queimar provisões. Parece uma afirmação elementar saber que precisamos de mantimentos, mas, muitas importantes batalhas foram decididas por conta desse elemento tão básico. Ter comida apenas para uma semana fará toda diferença se a campanha precisar durar um mês e não houver como repor os estoques. Temos exemplos de exércitos muito mais poderosos em armas e quantidades de soldados que foram derrotados porque o exército inimigo inviabilizou a possibilidade de conseguir novos mantimentos, ou porque os pontos de comunicação foram destruídos.

Um ótimo exemplo da importância desse elemento foi a batalha de Stalingrado, às margens do Rio Volga, entre 17 de julho de 1942 e 2 de fevereiro de 1943, durante a Segunda Guerra Mundial. A batalha foi um ponto de inflexão do avanço das tropas nazistas, garantido pelo Exército Vermelho, sendo considerada a batalha mais sangrenta da história das guerras.

Hitler entendia perfeitamente a importância de manter os estoques de suprimentos abastecidos. Justamente por isso organizou os ataques à Rússia, porque necessitaria para seus planos de dominação de suprimentos, tais como as reservas de petróleo do Cáucaso e os recursos agrícolas dos territórios soviéticos. E, sob a mesma perspectiva, foram tomadas as decisões de quais pontos soviéticos seriam atacados; aqueles que interferissem diretamente no abastecimento vital para a resistência russa. Assim, Hitler atropelou o Pacto Molotov-Ribbentrop, que afirmava um tratado de não



agressão entre Alemanha e URSS, além de outros acordos realizados secretamente entre essas lideranças. Assim, se iniciou a Operação Barbarossa, que levou milhões de soldados de ambos os lados à morte.

Muito embora muitos pesquisadores afirmem que quem venceu as tropas nazistas tenha sido o “General Inverno”, essa afirmação é totalmente falsa. A verdade é que os motivos reais eram outros, a começar pelo fato de que Hitler subestimou a resistência soviética, achando que conseguiria vencer a campanha em apenas algumas semanas. Porém, a defesa russa se mostrou irreduzível, resistindo bravamente aos ataques que deixaram a cidade de Stalingrado em ruínas, tornando-a um cenário de guerra onde as batalhas se davam em pequenas áreas de destroços, com disputas muito próximas, por vezes, os soldados alemães e soviéticos disputando acirradamente por cada cômodo em uma casa ou prédio. Nesse cenário, os snipers soviéticos cumpriram papel central em manter a defesa da cidade.

Outro elemento central que as tropas soviéticas se preocuparam foi em desgastar os inimigos através da limitação de seus suprimentos. Assim, uma das formas foi a destruição de qualquer tipo de mantimento que pudesse ser usado pelas tropas nazistas. Com o passar das semanas, essa tática foi surtindo efeito, deixando os soldados nazistas sem alimentos, munições, medicamentos e roupas adequadas para o inverno russo, que chegava a trinta graus negativos. Mesmo com a tentativa alemã de enviar suprimentos por via aérea foi malograda, uma vez que em média seria necessário algo como 800 toneladas de mantimentos, enquanto as aeronaves alemãs não tinham condição de entregar nem dez por cento dessa quantidade.

Obviamente que o inverno cruel também afetou os soviéticos, que estavam igualmente isolados nos destroços de Stalingrado, e com as águas do Rio Volga congeladas, o que interferia diretamente no abastecimento das tropas soviéticas.

Com essa brava resistência da defesa russa é que foi possível que a Operação Urano e Saturno fossem realizadas. De modo que, através de um ataque em pinça, as tropas soviéticas atacassem os flancos mais frágeis das tropas do Eixo e seus apoiadores. Junto a essa tática acertada vale apontar a obstinação dos homens e mulheres soviéticos que se alistaram ao Exército Vermelho, justamente porque não aceitavam estar sob o jugo das barbáries realizadas pelas tropas nazistas, sobretudo contra judeus e comunistas.

Assim, mais do que apenas terem “perdido para o frio”, as tropas nazistas subestimaram as tropas adversárias, subestimaram a capacidade



## O cenário da pandemia

Até o momento o número de mortes por corona já ultrapassou as 844 mil mortes no mundo todo, segundo o mapeamento da Organização Mundial de Saúde . Tendo os EUA como primeiro lugar da lista, com mais de 181 mil mortes, o Brasil como segundo lugar, com mais de 120 mil mortes e a Índia em terceiro lugar, com mais de 64 mil mortes. Isso sem contar a possibilidade de subnotificação, que apontam os especialistas, uma vez que não há testes nem atendimento para todos os possíveis infectados.

Esse é um cenário calamitoso de mortes. Superando inúmeras guerras, como a Guerra do Vietnã, na qual os EUA decidiram interferir para combater a “força comunista”, como aponta Rafael Balago (2020), articulista da Folha de S. Paulo. A guerra levou mais de 58 mil militares norte-americanos à morte, em seus mais de dez anos de participação na guerra e obrigou a retiradas das tropas norte-americanas e um acordo de cessar fogo, após ataques covardes realizados pelos EUA contra militares e civis do Vietnã do Norte, dirigidos pelos presidentes Kennedy, Johnson e Nixon, respectivamente.

No caso do Brasil, como aponta Sarah Resende (2020), articulista do G1, já superou as mortes de brasileiros na Guerra do Paraguai, cerca de 50 mil, ocorrida entre 1864 e 1870. Assim como já superou as mortes de 35 mil brasileiros em virtude da Gripe Suína, entre 1918 e 1919.

Muitos especialistas, comparam esse cenário com os cenários de guerras. Chegando mesmo a afirmar que devemos travar uma “guerra” contra o Covid. Se estamos, de fato, em uma guerra, então, quer dizer que estamos tentando vencer um inimigo, uma força que se apresenta diante de nós e que pode nos “vencer”. Entender quem é o inimigo e suas características é fundamental, eleger em qual terreno queremos pelear, quais armas temos mais mestria, estudar formas de desarmar o inimigo, etc. Sendo assim, se nosso inimigo é o vírus, precisamos entender como ele se



comporta, como se propaga, como nos afeta, como nos mata, como podemos “matá-lo”, como fazer uma vacina, qual remédio mais eficiente utilizar.

Contudo, no cenário atual do mundo, se muitos afirmam que estamos travando uma batalha contra o COVID-19, nos parece que mesmo após vencer essa batalha uma situação de conflito ainda permanecerá ativa. Ou, se preferirmos, um outro inimigo permanece atacando e nos matando. Se, por um lado, esse inimigo é também invisível, por outro lado, seus ataques são muito visíveis.

Não é em vão que surge nos discursos dos governantes do país o seguinte “conflito”: economia versus vírus. Apresenta-se o seguinte dilema: o isolamento pode nos salvar do vírus, mas, se a economia estagna, podemos morrer fruto da crise econômica, tendo como resultado desemprego, fome, desabastecimento, etc. Por outro lado, se seguimos trabalhando, podemos aumentar exponencialmente a quantidade de contágio e mortes. Assim, parece que a questão que se coloca é de como eleger o que matará menos: o vírus ou a crise econômica.

De fato, os que dizem que a crise da economia pode matar mais estão certos. Há um “inimigo” que mata mais que o Covid-19: é a economia capitalista em crise. Isso ocorre porque a lógica desse sistema é justamente a lógica do “mercado”, a do lucro, do acúmulo do capital. Ou seja, nessa guerra de interesses uma vontade está prevalecendo, a do mercado capitalista, que em nome dos interesses e privilégios de uma pequena minoria explora e massacra a imensa maioria. A vontade dos detentores dos grandes meios de produção se impõe mesmo sobre o Estado e é a lógica capitalista que está definindo, inclusive, as leis. O lema é: é preciso salvar a economia, mesmo que para isso seja preciso sacrificar uma parte da população.

Na prática, temos dois inimigos distintos centrais. E cada um deles exige um “teatro de operações” distinto para guerrear, bem como armas, armaduras e táticas específicas.

## **EUA em chamas**

Como é típico de cenários de crise, um pequeno elemento pode se transformar em uma grande explosão social, um pequeno fósforo pode gerar um grande incêndio. Assim, desde o dia 25 de maio o EUA não foi mais o mesmo. Em verdade, o mundo todo não passou ileso pela morte de



George Floyd – um homem negro, desarmado, deitado no chão, implorando por sua vida, enquanto um policial o asfixiava até a morte, em Minneapolis, Minnesota. Poderia ser apenas mais um dos muitos assassinatos de um negro, mas algo de diferente aconteceu.

Em verdade, o episódio não é inédito; Eric Garner, um pai de família, foi morto da mesma maneira em 2014, sob a acusação de vender cigarros varejo. Por esse “crime hediondo” foi condenado a pena de morte pela própria polícia. O caso também gerou uma grande comoção social e inúmeras manifestações, inclusive fazendo crescer o movimento Vidas Negras Importam (Black Lives Matter).

Vale dizer que o policial que assassinou Garner não foi preso, mesmo o presidente da época sendo um homem negro, Barack Obama. O policial, Daniel Pantaleo, foi absolvido pelo departamento de justiça, e apenas foi afastado da polícia em 2019 .

Contudo, as coisas foram diferentes com o caso de Jorge Floyd. Quatro dias depois o policial, Derek Chauvin, foi preso e pode ser condenado até 40 anos de prisão. Isso ocorreu não porque os governantes de hoje sejam mais conscientes dos que os da época de Garner, na realidade, o presidente atual dos EUA é Donald Trump, um inimigo declarado da classe trabalhadora que sequer disfarça seu racismo, seu machismo e seu ódio contra os pobres em geral.

Esse caso teve um desfecho diferente porque a classe dominante estava disposta a fazer todo o possível para frear as ondas de protestos que varreram os EUA e se espalham pelo mundo. E a repressão policial não apenas não surtiu o efeito esperado de refrear o movimento, como, pelo contrário, acirrou os ânimos dos manifestantes, chegando ao ponto de Trump ser obrigado a se refugiar dentro do bunker subterrâneo, na Casa Branca, diante de uma manifestação, como relatado em artigo do jornal New York Times (Protests, 2020).

Essas pessoas não aguentavam mais perder amigos, parentes, irmãos. As pessoas foram para as ruas porque perderam o medo da morte. Nem o medo de contrair o Coronavírus foi suficiente para manter as pessoas em casa. O ódio de classe contra mais essa injustiça, o ódio contra a forma como é tratada a classe trabalhadora no sistema capitalista.

E sabemos que a maioria dos mortos é de negros e latinos, como denunciado por Shelby Lin Erdman, em artigo ao CNN (Black, 2020). Isso ocorre por motivos evidentes: a população pobre é aquela que recebe os piores serviços de saúde, a pior alimentação, a que tem as piores condições



de vida. E aqueles que não morrem pelo vírus saem com dívidas enormes, basta vermos o caso de Michal Flor, que recebeu uma conta de R\$ 5,5 milhões de reais por ficar 67 dias num hospital em Seattle, EUA, como relatado pelo G1 (Homem, 2020). É totalmente compreensível o desespero das pessoas diante desse tipo de realidade. Se você não se trata, morre. Se você se tratar, sai com uma dívida impagável, e trabalha até a morte.

Esse é o motivo que fez a morte de Floyd ser respondida de forma muito mais enérgica que todas as outras. A panela de pressão explodiu. Em poucas palavras: a luta de classes está se acirrando. A classe trabalhadora não consegue dar mais as mesmas respostas calmas, pacíficas, que antes. Elas sentem, intuitivamente que precisam “aumentar o tom”, ou nada mudará.

Mas, obviamente, ninguém consegue lutar incessantemente. Em algum momento as massas revoltas começam a cansar, começam a aceitar as alternativas conciliadoras que vão sendo oferecidas, se entenderem que é melhor conquistar o pouco do que não conquistar nada. Assim, muitos desses que foram às ruas começaram a se contentar com a ideia de punição dos policiais, reformas da Polícia, cursos de Direitos humanos e racismo para “reciclar” policiais, menos investimentos nas forças repressivas, eleições de candidatos menos opressores e várias outras formas de “reformatar” o sistema, sem, necessariamente, romper radicalmente com ele.

O plano de tirar as pessoas das ruas e fazer elas voltarem para o isolamento estava funcionando. Assim, as ações de incendiar as cabines policiais e construir comitês autônomos de autodefesa nos bairros, tal como fazia o Partido Pantera Negra nos anos 60, foram sendo substituídas por ações no sentido de “conscientizar” policiais e outros cidadãos de que a vidas negras importam.

Tudo tendia para a volta ao “normal”, até que mais um assassinato covarde de um negro ocorreu pela polícia dos EUA. Jacob Blake, de 29 anos, foi alvejado pelas costas durante uma abordagem policial, no dia 23 de agosto de 2020, na cidade de Kenosha, de Wisconsin. A ação ocorreu na frente de seus três filhos, que estavam dentro do carro. Jacob está em estado grave no hospital, e tudo indica que vai perder os movimentos das pernas.

O vídeo da ação covarde viralizou nas redes sociais e reacendeu o ódio da população, fazendo com que os protestos em massa voltassem a ganhar as ruas desde então. Como se não bastasse, um adolescente de dezessete anos, Kyle Rittenhouse, foi armado a um desses protestos sob a alegação de fazer a “segurança das propriedades privadas”, junto a um



grupo de supremacistas brancos. No episódio ele teria realizado disparos que matou dois manifestantes.

É interessante destacar que há dois tratamentos totalmente distintos em cada um dos casos, como questiona a jornalista da BBC News, Ritu Prasad (2020). No caso do homem negro, a ação policial e a “opinião pública” burguesa, já partem do princípio de que ele era um criminoso e de que a polícia atirou porque ele iria, supostamente, pegar uma arma dentro do carro. Ou seja, o homem negro já recebe a sentença de culpado antes mesmo do julgamento legal e recebe, na rua mesmo, a pena de morte.

Enquanto um adolescente branco pode andar com uma arma de alto calibre e fazer disparos contra pessoas, sem que nenhum policial averigue ou questione, bastando que ele alegue que estava fazendo a segurança do local. Neste último caso, todas as notícias partem do princípio de que ele é inocente, e que é preciso esperar o julgamento para saber se ele agiu em legítima defesa ou não (como alega seu advogado). Vale ressaltar, que nenhum policial que estava no momento da ação disparou contra Rittenhouse, por motivos óbvios.

Nesta sociedade de classes, o racismo é uma arma para acusar e matar as parcelas mais exploradas da classe trabalhadora, enquanto perpetua os mecanismos que gerem medo nas pessoas que se colocam em luta, em nome da defesa da propriedade privada e da ideologia burguesa.

## **A arte da insurreição**

Leon Trotsky foi mais um dos que participou ativamente da guerra. Foi o fundador e organizador do Exército Vermelho, o exército soviético, após a revolução russa de 1917. Mais tarde, foi justamente esse exército que derrotou as tropas nazistas, chegando a invadir a capital alemã, durante a batalha de Kursk, em 1943. É um teórico fundamental também para o tema da revolução, uma vez que desenvolveu dois conceitos essenciais para compreender a dinâmica da fase imperialista do capitalismo, sendo eles: teoria da revolução permanente e a teoria do desenvolvimento desigual e combinado.

A primeira teoria ressaltava princípios do marxismo, cuja conclusão apontava que era possível uma revolução em um país de capitalismo atrasado, ou seja, não seria necessária uma revolução burguesa ser realizada antes para que uma revolução socialista pudesse ser possível. A revolução de outubro de 1917, em um país nas condições da Rússia deu prova da precisão



desta teoria, que confrontava o método "etapista", que adiava a revolução para séculos futuros.

Já a segunda afirma que na atual etapa do capitalismo havia uma amálgama dos métodos mais arcaicos e os mais modernos, coabitando modelos totalmente desiguais de modos de produção. E, justamente essa contradição é um traço central da ação do capitalismo nos países coloniais e semicoloniais, de modo que seja possível a tecnologia mais avançada conviver com os modos de vida mais bárbaros e aviltantes.

Essas duas teorias juntas reforçam a ideia de que a história não caminha em linha reta, dando um passo de cada vez, como se houvesse uma trilha cronológica pré-estabelecida a ser obedecida. A história dá saltos, mergulhos, acelera e atrasa. E essas contradições convivem, de modo desigual e combinado, para que seja possível a perpetuação do capitalismo. São, portanto, condições inerentes ao sistema capitalista, o que impele os que compartilham dessa perspectiva a vislumbrarem a possibilidade de uma revolução, enquanto que para aqueles que esperam um movimento encadeado da história essa possibilidade estaria descartada, por "desobedecer" a lógica "linear evolucionista" da História.

Nesse sentido, a insurreição é elemento que pode cumprir papel central em uma possibilidade de abertura revolucionária, e, por isso, o autor dedica um capítulo para tratar sobre a "arte da insurreição" em seu livro A história da Revolução Russa, onde indica que os processos insurrecionais nunca são fruto da vontade própria de pessoas isoladas, muito menos de pequenos grupos. Trata-se de um processo em que uma massa de pessoas é empurrada a buscar uma saída; a única solução que se apresenta. Os insurretos sentem que não tem mais nada a perder, por isso lançam-se em busca de uma saída radical.

Só que essa resposta não pode ser fruto apenas do ódio acumulado, em ações espontaneístas. É necessária a organização. E, para isso, precisamos olhar para o passado e ver que na história do movimento operário vários instrumentos de luta já foram criados para lidar com a repressão do Estado burguês e seu braço armado, a polícia. O caso do Black Pather Party e dos Sovietes da Revolução Russa são alguns exemplos disso.

Trotsky explica em seu livro sobre a Revolução Russa que uma revolução tem um duplo caráter: um caráter insurrecional e um caráter conspiratório. Ou seja, há um aspecto de espontaneidade, de "ativismo" que infla os ânimos daqueles que não aguentam mais a situação calamitosa em que vivem, ao mesmo passo que há, em alguma escala, algum tipo de



organização, de complô, ou seja, dificilmente uma insurreição popular, aquela feita em grande escala, alcançará conquistas se não houver algum nível de organização prévia, de uma parcela que construa algum organismo que ajude a conduzir essa indignação, que catalise o ódio e o transforme em organização.

Assim como um ferreiro não pode pegar com a mão nua um ferro aquecido a alta temperatura, o proletariado não pode, com as mãos nuas, apoderar-se do poder: é necessário, para isso, que possua uma organização apropriada. Na combinação da insurreição das massas com a conspiração, na subordinação do complô a insurreição, na organização da insurreição através da conspiração, reside o domínio complicado e cheio de responsabilidade da política revolucionária que Marx e Engels denominavam a “arte da insurreição”. Isso pressupõe uma justa direção geral das massas, uma flexibilidade da orientação perante as circunstâncias mudáveis, um plano de ofensiva meditado, a prudência no preparo técnico e a audácia para dar o golpe (TROTSKY, 2017, p. 187).

Muitos podem ser esses instrumentos organizativos, porém, defendemos que o partido é o instrumento mais avançado criado pela classe trabalhadora até hoje para organizar a ação, é através dele que se forjam os melhores elementos para a preparação consciente das necessidades inconscientes das massas.

Insurreições e revoluções sempre ocorrerão, em algum momento da história. A questão é como garantir que elas sejam vitoriosas no sentido de garantir melhorias reais e permanentes para a vida daqueles que se insurgem. Ou, mais ainda, como garantir que elas garantam de uma vez por todas uma condição estrutural que permita que não seja mais necessário viver este constante “estado de guerra”, sempre precisando fazer insurreições para ter as demandas mais básicas escutadas, como o direito à vida, à dignidade, à igualdade de direitos, à liberdade.

### **Considerações finais**

Para os marxistas, não basta apenas processos insurrecionais espontaneístas, que não possuem um firme programa revolucionário. Tampouco serve apenas uma ação conspiratória de uma minoria, tentando



controlar uma maioria inconsciente de suas ações. É preciso um instrumento que garanta esse aspecto artístico, flexível, ao mesmo tempo que tenha uma clara e firme ação de transformação radical das estruturas sociais, de modo que modifique na raiz as estruturas das desigualdades. Esse instrumento é o partido, sob os métodos do marxismo, da luta revolucionária, não o método parlamentarista burguês, obviamente.

O cenário atual apresenta, literalmente, um "clima de guerra", porque as pessoas sentem medo de morrer e, justamente por isso, guerreiam, lutam por suas vidas, das mais diversas formas. E a pandemia do Covid-19 tem mais uma característica de guerra: é uma doença que nega o direito de enterrar nossos mortos, não temos nem os corpos dos nossos para nos despedirmos. Temos negado até o direito aos ritos de luto mais básicos. O cenário de guerra está instaurado e os inimigos se confundem no teatro de operações: vírus e capitalismo.

Nesse tipo de cenário é a política quem comanda, ela é o "útero da guerra". E, já que as pessoas não enxergam uma saída por dentro das vias "institucionais", elas se insurgem. Em verdade, elas temem o que virá depois da pandemia, mesmo com o isolamento, porque o cenário futuro que se apresenta é um clima de "pós-guerra", ou seja, um clima de terra arrasada, onde a falta de esperança supera a esperança. E as pessoas sabem bem quem paga os "créditos de guerra": os mais oprimidos. O que se espera é que os trabalhadores paguem por estes custos, por meio da austeridade fiscal, por exemplo, através de cortes nos serviços públicos, nos direitos trabalhistas e previdenciários.

As pessoas percebem que os recursos não estão sendo direcionados para onde são necessários: financiar as famílias, pequenas empresas e setores mais afetados pela paralisação. Os poucos recursos investidos para combater a pandemia estão aumentando os déficits orçamentários e as dívidas nacionais, ou seja, dívidas que cairão sobre as costas dos "soldados de baixa patente", enquanto os "reis e generais" seguem com banquetes cada vez mais fartos, como apontam os principais jornais burgueses, como o G1 (Patrimônio, 2020), que relatou que os 42 bilionários brasileiros aumentaram suas fortunas em 34 bilhões de Dólares, entre março e julho deste ano, enquanto que o número de desempregados e pessoas abaixo da linha da pobreza também aumentou exponencialmente.

Recurso é elemento fundamental para uma guerra, como já apontamos, ele define quem aguenta mais tempo "resistindo". O que vemos é que há uma imensa riqueza ociosa nos monopólios e a pandemia exige



que essa quantia seja usada para financiar as emergências necessárias. Porém, busca-se salvar “o mercado”, a economia, e não as pessoas: muitos recursos para as empresas e bancos e quase nada para o povo, os que trabalham incansavelmente até morrer, literalmente. Nenhum país escapa dessa crise. É uma crise mundial do sistema capitalista. Mesmo nos governos mais democráticos ou que se dizem mais à esquerda, não temos visto avanço incisivo das propostas antissistemas, como impostos para as grandes empresas, perdão das dívidas públicas, nacionalização dos bancos, controle estatal de todos hospitais e transporte e hospitais públicos a serviço da população. As empresas é que ditam o comportamento do Estado.

As pessoas estão sendo empurradas para a guerra, para a insurreição. Não porque assim desejem, mas porque não vislumbram outra saída. Hoje, dois problemas se desnudam: a pandemia e a crise capitalista. Mas, como aponta Marx na sua Contribuição à crítica da economia política, um problema só surge como tal para a humanidade quando ela pode resolvê-lo. Se não houvesse as condições materiais para superá-lo, sequer poderia se apresentar enquanto problema. Há a solução, só resta agora confeccioná-la, através de muitas mãos.

Nesse sentido, que apontamos a necessidade de sermos guerreiros, aqueles que se dedicam a conhecer os vários elementos que compõem o cenário de um combate. Mas, mais que apenas guerreiros, é preciso sermos também artistas, no sentido de desenvolver criativamente a inteligência e estratégia marcial como fonte para aprendermos como lidar diante desse cenário.

O caráter artístico está, justamente, na forma como serão respondidas cada uma dessas situações, como será cristalizada a solução. Será necessária criatividade para lidar com esse cenário, será necessário nos tornarmos artistas marciais, ousarmos revolucionar. Volta a velha questão da guerra como a busca da imposição por parte de interesses antagônicos. Nessa guerra, os que resistem ao ataque tem que responder proporcionalmente à força empregada pelo inimigo. É preciso uma reação a essa ação agressiva.

Resta saber qual força prevalecerá. Daqui, seguimos do lado dos mais explorados, dos mais oprimidos, dos que perderam o medo. Daqueles que isolados são fracos, mas que juntos e organizados se tornam fortes, invencíveis.



## Referências

- ARAÚJO, Felipe. Desafiando os problemas: um diálogo entre filosofia, educação e artes marciais. *Revista Ítaca*, 34, p. 145-170. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/28182>. Acesso em: 26 ago. 2020.
- AS PROTESTS and Violence Spill Over, Trump Shrinks Back". *New York Times*, 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/05/31/us/politics/trump-protests-george-floyd.html>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- BALAGO, Rafael. Total de vítimas da Covid-19 nos EUA supera número de americanos mortos na Guerra do Vietnã. *Folha de S. Paulo*, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/total-de-vitimas-da-covid-19-nos-eua-supera-numero-de-americanos-mortos-na-guerra-do-vietna.shtml>. Acesso em: 25 ago. 2020.
- BLACK communities account for disproportionate number of Covid-19 deaths in the US, study finds". *CNN*, 2020. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/05/05/health/coronavirus-african-americans-study/index.html>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- CLAUSEWITZ, Carl von. *Da guerra*. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- HOMEM recebe conta de US\$ 1,1 milhão do hospital onde se tratou de Covid-19 nos EUA. *G1*, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/13/hom-em-recebe-conta-de-us-11-milhao-do-hospital-onde-se-tratou-de-covid-19-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- PATRIMÔNIO dos super-ricos brasileiros cresce US\$ 34 bilhões durante a pandemia, diz Oxfam. *G1*, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/07/27/patrimonio-dos-super-ricos-brasileiros-cresce-us-34-bilhoes-durante-a-pandemia-diz-oxfam.ghtml>. Acesso em: 26 ago. 2020.
- PRASAD, Ritu. Jacob Blake and Kyle Rittenhouse: Should police have used different tactics? *BBC News*, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-53954181>. Acesso em: 28 ago. 2020.



- RESENDE, Sarah. Covid-19 já matou mais brasileiros que a Guerra do Paraguai e Gripe Espanhola. *G1*, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/08/08/covid-19-ja-matou-mais-brasileiros-que-guerra-do-paraguai-e-gripe-espanhola.ghtml>
- SOUZA, José Cavalcante de. (Org.) *Os Pré-Socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. 6. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores).
- TROTSKY, Leon. *A história da Revolução Russa*; tradução de E. Huggins. – Ed. do centenário -- Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2017.
- TZU, Sun. *A arte da guerra*. Tradução do chinês para o inglês por Samuel B. Griffith e para o português por Gilson César Cardoso de Souza e Klaus Brandini Gerhardt. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

*Recebido em 31 ago. 2020 | aceite em 05 out.. 2020*

